

9 — SEM PERDÃO

1.

Passava os dias a simular uma normalidade impossível. Em casa, noites silenciosas, cheias de desculpas e reticências, sem que Carola encontrasse a coragem necessária para abordar aquele assunto com Dara. De manhã, saía mais cedo de casa, de modo a evitar os tapetes móveis. Queria percorrer a cidade a pé, devagar, e olhar para a vida de quem trabalhava no próprio bairro. Agora que o cabelo estava mais comprido, apanhava-o num puxo, e, de mochila ao ombro, quase podia fazer de conta que era uma estudante a caminho do liceu. Quando entrava no Instituto, concentrava todos os esforços em não dar a ver que fogo a consumia. Tiago e Bartolomeu falavam de um concerto qualquer a Brísida; ela tentava mostrar interesse — um concerto no Torel? quando? —, mas a verdade é que mal atentava nas respostas. Que lhe interessava agora aquilo? Com Elda, sempre era mais fácil: cabia-lhe gerir os ritmos, decidir dos silêncios. Mas também se sabia mostrar complacente. Abriu o fecho da mochila.

— Toma. Desta vez lembrei-me — e passou-lhe o envelope para a mão.

Elda já nem esperava receber aquilo, a festa de aniversário da colega fora meses atrás. Observou as fotografias uma a uma, como um tesouro.

— Para mim? Obrigada! É espectacular!

A palavra irritava Carola sobremaneira, e a voz comovida era um despropósito. Por um segundo, passou-lhe pela cabeça que devia ter mandado fazer cópias para todos, para atenuar.

Felizmente, vinte minutos depois, já estava ligada ao Rest.2. Precisava de um lugar como aquele, a beleza intacta no meio do oceano. Vista do topo, a lagoa do Fogo dava a impressão de caber na concha da mão e de se poder sorver de um trago. A língua de areia ali em baixo apetecia. Bastava-lhe fechar os olhos para anular a distância, mas Carola quase nunca fazia isso. Ao longo de três quartos de hora, desceu sem truques o caminho agreste, esfolou o calcanhar, arranhou-se numas plantas. Quando pisou a areia

com a sapatilha, sentiu que valera a pena. Avançou mais uns quinze minutos, a contornar a lagoa, antes de deixar cair o corpo na praia e respirar com vontade.

Só então cerrou as pálpebras. Nenhum som, nenhuma interrupção. Mas quando recuperou a visão...

— Oh! Não sei se estou pronta... — disse, muito depressa, e virou-se de lado, a proteger a face, ver o que acontecia. Mas o vulto não desapareceria se ela assim não o decidisse expressamente.

— É lindo, aqui! — exclamou Pedro Jurado, passado um pouco.

— A primeira vez que cá venho — informou ela, num fio de voz tímido. Tinha reservado o cenário açoriano para aquela visita. — Pai...

Girou o rosto devagar na direcção do dele. Reconheceu a doçura dos traços, a tristeza nos olhos mansos.

— Carola...

E resguardou-se naquele corpo quente, de rapaz crescido.

Desde a última ligação de interacção, a perspectiva de um reencontro com o pai insinuava-se a cada caminhada no Rest.2, a cada refeição com a avó, a cada intervalo de leitura. Sacudia aqueles pensamentos como moscas e procurava concentrar-se em tarefas concretas: contar os azulejos que faltavam às fachadas dos edifícios, coser botões às camisas, mandar tirar cópias de fotografias.

— Acho que não ias gostar de saber que te chamei para aqui. Assim.

— Talvez não. Mas de certeza que ia gostar de te ver — contrapôs a projecção, em nome do pai. — Se pudesse mesmo.

Era confuso e, durante algum tempo, Carola não soube o que dizer. Limitou-se a ficar ali, com a cabeça encostada ao peito daquele homem. Admitiu:

— Com a Mónica é mais fácil. Ela não pára de falar, sempre a dizer disparates.

Claro que não faria sentido que o pai adoptasse o mesmo comportamento. Com ele, as recordações eram mais vagas. Um corpo presente-ausente. E jurou para si mesma que seria a única vez que se permitiria invocar aquela imagem.

— Estou cheia de dúvidas. O que fizeste, ou podes ter feito, o motivo por que te prenderam... Se passaste pelo que passaste, na prisão, para proteger o Virgílio... por causa daquilo, do... do assassinato do presidente Albernaz.

O pai manteve-se em silêncio, Carola esperava uma resposta. Desde o reavivar das memórias perdidas, não conseguia encontrar sossego.

— Lamento, não sei responder — assinalou Pedro, como uma mensagem de erro.

Era óbvio que ela tinha consciência disso. Aninhou-se mais contra ele, tentou dobrar as pernas, mas crescera mais do que o esperado. Aquele começava a deixar de servir como um corpo de pai. Em desalento, confessou:

— Já não sei o que quero.

Ainda desejava reintegrar o GRUPO? Ou acostumara-se à tristeza dos passeios nas paisagens desaparecidas? Quando encarava o futuro, não via que papel lhe podia estar reservado na cidade enclausurada. Olhava para trás:

— Nunca me despedi de ti. Aquela cena... Que horror. A última oportunidade para te dizer que... que... E não disse nada. — Sentiu um nó na garganta. Também agora não encontrava as palavras de que precisava. Ia dizer ao pai que o amava, que não queria perdê-lo, que sentia a falta dele? Tudo isso seria redundante.

— Não faz mal — garantiu Pedro. — Eu já sabia tudo.

— Mas o Óscar despediu-se de ti... Ele soube o que dizer.

— Não muda nada. Não muda nada, Carola. Não te tortures.

Sabia perfeitamente que aquele não era o seu pai. Só uma imagem, não muito diferente da figura encaixilhada na moldura da sala.

— Ainda assim podes dizer-me... o que eu quero ouvir?

A projecção vacilou um instante, como se o pedido quebrasse as regras.

— Não faz sentido usar esses termos. Não é justo para ti. Tu sabes isso.

— Por favor — insistiu Carola.

— Está bem — aceitou Pedro, vencido à vontade que de facto o comandava. — Eu perdoo-te, Carola. Tu deixaste-me morrer, mas eu perdoo-te.

*

— As pessoas sentem-se muito insatisfeitas. Está no ar. Falta de contacto humano, falta de cidade.

Não me diga, comentou Carola para dentro. E continuou sem abrir a boca.

— Na última vez que aqui vieste, tu também estavas muito zangada, lembras-te?

— Claro que me lembro. Foi há um mês.

A psicóloga adoptou o semblante melífluo com que costuma incentivá-la a continuar. Carola sentia apenas enjoo. Pôs-se a observar as figuras do escritório, bichinhos vistos e revistos mil vezes durante as sessões que fora obrigada a seguir.

Alguém devia dizer à doutora Anita que os *bibelots* não contribuíam para fortalecer a sua imagem de seriedade.

— Tínhamos um acordo, não era? Gostava que falasses comigo.

Não se mace. Para ela, o acordo era fictício.

Durante os últimos dois anos, levava com a doutora Anita três vezes por semana. Um evento público: o relógio dava horas e ela lá se despedia dos colegas, forçada a subir as escadas do grémio para o terceiro andar. Meses a inventar maleitas, que lhe doíam os ouvidos, a cabeça, a barriga, sem nunca lograr a dispensa. As conversas só tinham por consequência arredá-la do espaço associativo, onde tinha amigos, mas que passara a associar ao incómodo. Aguardava a atribuição para se livrar daquilo, pois com um trabalho o acompanhamento «juvenil» perdia a razão de ser. Mas o projecto da Bóreas era um *nim*. A psicóloga exercera pressão junto da avó para que ela continuasse, os professores tinham recomendado. Já nada a obrigava a apresentar-se e, no entanto, se cortasse o mal pela raiz, o que passara a ser simples rotina converter-se-ia em drama. Carola aceitara marcar presença em consultas mensais, quase para se ver livre delas. Era complicado explicar de outra forma. Dara contava com aquela interposta pessoa para legitimar a sua defecção relativamente ao trabalho no Instituto. E agora Carola conhecia as manhas, dizia o que a senhora queria ouvir e não tinha de pensar no assunto durante trinta dias.

— Como é que correram estas últimas ligações?

— Bem.

— Mas acredito que há coisas que te custam.

— Nem por isso.

— Carola, há uns meses dizias que ias pedir objecção assim que fosse permitido.

— Agora só é possível ao fim de dezoito meses.

— Eu conheço as regras. E ainda me lembro da tua reacção a esse respeito. Da tua revolta. Querias organizar um protesto para revogarem essa cláusula do ano e meio.

— Pois. Mas não vale a pena. — Hoje estava sem veia para lérias. — Não íamos conseguir mudar nada.

— Achas que o mundo é estático? — A doutora Anita apoiou o queixo no punho, sinal de que achava ter dito uma coisa importante. — Já reparaste, Carola? As gerações precedentes tiveram de reinventar tudo, criar um mundo novo. A tua herdou um trauma estabelecido. Deixa pouca margem de manobra.

— Não podemos rebentar com mais nada. Eu sei. Já são horas.

— Gostavas de «rebentar» com quê?

— A sério, já são oito. — A doutora Anita consultou o relógio discretamente, como fazia sempre. — Para que é isso? Pode olhar à vontade. Se lhe estou a dizer...

— Eu não tenho pressa. Tu pelos vistos tens. Fazemos assim. Coloco-te uma questão, tu respondes, e podes ir embora.

Coloque a questão, irritou-se Carola. Aquele português de fancaria...

— Tu gostas de ti?

Carola lançou-lhe um olhar desabrido. Primeiro, teve de pensar se ouvira bem. Quando se convenceu, ficou furiosa. Não eram termos. Obrigá-la a fazer conversa, a dar respostas deslavadas, era uma coisa. Aquilo era estúpido e violava as regras.

— Só tens de dizer sim ou não, e depois podes ir — insistiu a doutora Anita, que usava sempre maquilhagem a mais. — Ficas a pensar nisso para a próxima vez.

— Gostava de me ir embora.

— Já vais. Mas eu coloquei-te uma questão...

Furiosa, teve vontade de responder com uma grosseria: *coloque-a...* Mas conteve-se. Nenhuma necessidade de perder as estribeiras. Não ia responder a uma pergunta estúpida. Pegou na mochila e abandonou a sala enquanto a psicóloga repetia o seu nome.

2.

Ir ao mercado no domingo de manhã era tarefa ingrata. Perdia uma parte do seu dia de descanso para se dirigir a Picoas, com uma mochila às costas, porque a avó insistia que aí se encontravam os produtos de melhor qualidade. O tempo livre nunca fora muito, nem quando andava no liceu, mas, desde que começara o projecto, as horas pareciam voar. Estugou o passo, numa tentativa de despachar a incumbência.

Assim que se deparou com a fileira de bancas, porém, fraquejou. Era a última pessoa que esperaria encontrar naquele espaço, mas ali estava Marcello, com um cabaz na mão, avaliando vegetais que ora recolhia, ora descartava. O tutor deu por ela quase de imediato, desfez-se num sorriso atrapalhado.

— Ah! Não esperava encontrar-te aqui. É muito giro! — Marcello repetia certamente uma expressão que ouvira de Bartolomeu.

— Olá, Marcello. Nunca o imaginaria a fazer compras...

— Ah. E porquê?

Carola não encontrou resposta. Para ela, Marcello não ia às compras, não se encontrava com amigos, não tinha vida privada. Bartolomeu desmistificara um pouco essa ideia, claro, falara dos gostos do tutor, reportara algumas histórias de juventude, gabara os seus talentos culinários. Mas, na cabeça dos outros impulsores, Marcello era o Instituto. Só.

— Vim fazer uma comissão para a minha avó — explicou Carola, como se fosse a sua própria presença a ser questionada. — Hoje o Fernão vai lá almoçar a casa.

— Bem! Ele precisa de companhia. Passou pouco tempo.

O tutor aludia outra vez às revelações da anterior ligação de interação. Parecia, de facto, que o tempo não passava. Ainda na sexta-feira, convocara os impulsores ao seu gabinete, um a um, mostrara-se disponível para conversar. Mas as lembranças expostas eram demasiado pessoais, e ele não tinha a linguagem para estabelecer aquele diálogo com os jovens. Mesmo com Bartolomeu, a missão não fora fácil.

— Talvez tu podes falar com Fernão — sugeriu ainda Marcello — sobre o que ele descobriu na ligação...

— É só um almoço, não é para «falar». Ninguém quer «falar» sobre aquilo.

— E tu? Também tu não falaste com ninguém?

— Não contei nada à minha avó, se é o que está a tentar saber. Esteja descansado, não ia pôr em risco o seu precioso projecto.

Marcello sentiu o sorriso morrer-lhe na cara. Recordou as palavras de Tiago: «parece que não lhe importa nada.»

— Eu não queria dizer... Podes falar com ela, Carola... deves. É importante. É a tua memória, é o que te constr... trui? Construi?

— Constrói — clarificou a rapariga, um pouco surpreendida com a conversa.

— Fala com ela sobre o que passou — insistiu Marcello. — Vai ajudar.

Carola sentia que de facto precisava da orientação da avó. Nos últimos meses, sempre que fora obrigada a tomar decisões complicadas, sentira-lhe a falta. Mas porque estava a pensar naquilo em frente ao tutor?

— Podemos mudar de assunto? — pediu, sentindo-se desconfortável.

— Certo, certo. Eu... tenho de fazer compras. O Bartolomeu come por dois pessoas! — exclamou Marcello, a piscar o olho, numa desajeitada tentativa de humor. E então lembrou-se: — Ah, queria dizer-te! O cão... Aquele cão da praia?

— O Tugúbio?

— Sim. Nome curioso... Então, quando fui novo, havia cão símile! Parecido parecido com Tugúrio! Sempre gostei dos cães.

— Não, chama-se Tugúbio! — corrigiu Carola. Mas o tutor não se podia lembrar de um cão vivo. — Como é que isso pode ser? O Marcello não é assim tão velho!

— Não, pois, não eu, quero dizer minha família teve, antes que eu nascia. Eu vi as fotos. Parecido parecido. Muito bonito, color creme.

A família de Marcello, eis outra coisa em que Carola nunca pensara. Gostar de cães abonava a seu favor. Tinham um ponto em comum.

*

— Tenho chicória, Fernão. Ou posso preparar um chá, se preferires...

— O que fizer para si, para mim está bem — respondeu o rapaz. — O almoço estava óptimo, dona Dara, obrigado.

— «Dara» chega perfeitamente, Fernão. Então vou ali à cozinha e já volto. Entretanto, Carola, porque é que não mudas o disco? Vê o que o teu amigo quer ouvir.

Estavam todos um pouco constrangidos, tinham passado a maior parte do almoço calados. Enquanto Dara se afastava, Carola e Fernão subiram as escadas para a *mezzanine*. Aí, sentados no chão, em frente à aparelhagem, o rapaz percorreu a coleção da família.

— Este — indicou ele, a estender um disco.

Carola pôs o LP a tocar e, assim que os primeiros acordes da canção inicial romperam o silêncio, sentiu-se aliviada.

— Vi o Marcello hoje de manhã, no mercado — contou ela.

— Estás a gozar!

— Não estou, não. Parece que o Bartolomeu lhe consome a despensa.

— Disso não duvido.

— O Marcello... É estranho pensar que ele já teve a nossa idade, não é?

— Prefiro nem pensar. Para mim, já foi bastante perturbador vê-lo a dançar. Aqui mesmo, na tua festa, lembras-te?

Riram-se os dois daquela memória inofensiva. Fernão reparara nos porta-retratos sobre a mesa da aparelhagem. A fotografia do pai era certamente antiga, Pedro Jurado tinha um aspecto jovial, confiante. Ao lado, uma moldura com as duas gémeas e outro rapaz ruivo um pouco mais velho, Óscar. Uma família diminuída, mas que parecia feliz.

Carola seguiu o olhar do rapaz, que os remetia para a ligação de interacção anterior. Tentou mudar-lhe o rumo dos pensamentos:

- Por falar em dançar, parece que esta semana há música ao vivo no Torel...
- Hum. Não sei, ando sem grande vontade... — e Fernão encolheu os ombros.
- Vê-se.

Estava pelo menos agradecido por aquele convite para almoçar. Lisa trabalhava. Se tivesse passado outro domingo sozinho no apartamento, ter-se-ia provavelmente ligado ao módulo da dona Graça durante horas. Um hábito readquirido.

— Vais falar hoje com ela...? — decidiu-se a perguntar Carola. Fernão olhou para a amiga, sem entender, e ela precisou: — Com a tua mãe? Não lhe costumas telefonar aos domingos?

— Acho que o telefonema de hoje vai saltar — ele compôs um sorriso amargo. — O que é que eu lhe posso dizer? «Olha, mãe, lembrei-me de que a minha língua materna é o espanhol; não tens nada para me contar?»

Aceitava aquela descoberta com um espírito aniquilado, quase amorfo.

— Desculpa se me intrometo, mas não achas que te ias sentir melhor se clarificasses as coisas?

— No fim de Novembro dão-nos uns dias de férias, não é? — perguntou. Carola anuiu; ainda faltavam algumas semanas. — Acho que nessa altura vou a Setúbal.

A verdade era que, se pudesse, evitaria o contacto com a família. Jacinto passava agora o tempo a atazaná-lo, a insistir para que realizasse novas operações de bloqueamento. O irmão dissipara no jogo todo o dinheiro acumulado, e mesmo a soma que lhe devia. Dependia dele para saldar dívidas que Fernão supunha consideráveis. Mas também esse não era tópico que pudesse abordar com Carola.

— A minha avó perdeu-se no caminho para a cozinha — comentou a colega.

— Não admira, com esta casa... — Os longos corredores, que tinham surgido na lembrança da anterior ligação, impressionavam. Baixou a voz. — E tu? Falaste com ela, com a tua avó? Sobre o teu pai?

— O meu pai não tem nada que ver. O problema é o outro.

Era Virgílio. Virgílio é que era responsável por...

Dali de cima, Carola viu Dara voltar à sala grande do piso térreo, com três chávenas num tabuleiro.

— Ah, os Velvet! Boa escolha, Fernão — comentou a senhora.

O rapaz desceu as escadas com um sorriso demasiado simpático.

3.

— Sou eu. Sou a...

— Já percebi. Não tens de dizer o nome.

Um rumor perturbava a chamada, Carola podia distinguir o vozeio como barulho de fundo. Onde quer que estivesse, Virgílio não se encontrava sozinho.

— Já queria ter ligado, mas o telefone está em casa da vizinha e ela é um bocado curiosa. — Agora Filomena saíra, por uns minutos podia estar descansada.

— Passou-se alguma coisa? — Virgílio não queria saber de rodeios.

— Mais ou menos, sim. Vi umas coisas. No trabalho.

— *Viste* uma coisas? Queres dizer... *lá*? No...?

— Pois. Coisas do passado, que tinha esquecido. Aconteceu com todos.

Virgílio assentiu com um murmúrio, reflectiu em silêncio. Por fim, calculou:

— Cheira-me a Curriculum. *Ele* falou-vos disso?

— Não, acho que não. O que é?

— Não é fácil explicar — hesitou ele. — Permite aceder à memória, controlá-la.

Mas é proibido. Ou deveria ser.

— Controlar...? Então, é falso? O que eu vi?

— Pode ser que não. — O tom de voz dele nunca se alterava. — Pode ser que tenhas preferido esquecer, simplesmente. Mas não devíamos estar a...

— Foi quando o meu pai morreu. Em minha casa, há oito anos. Estavas lá tu. — A pausa de Carola não produziu nenhum efeito. Podia ouvir Virgílio respirar. — Ouve-te numa conversa com a minha avó. Só querias saber se o meu pai tinha falado.

— Isso não são conversas para ter aqui — avisou-a ele.

— Dá para nos encontrarmos?

Novo silêncio, mais demorado. Até que ele sugeriu:

— Pensa lá. Achas que é a mim que devias vir fazer perguntas?

— A quem é que hei-de perguntar?! — exasperou-se Carola. — Ouve, só quero que me digas que ele não fez nada. Porque parecia que ele é que tinha... Mas isso é impossível. Na altura, ele tinha a minha idade.

— Ouve, acho melhor desligarmos. Não percebo do que estás a falar.

— O Albernaz... — Carola sussurrou o nome, como se isso adiantasse, e o nome do presidente assassinado não gritasse a qualquer orelha. Depois, calou-se, atrapalhada. Já falara demais. Virgílio repetiu, num tom distante:

— É melhor desligarmos.

Ele deixava-a desamparada, furtava-se. Carola não sabia o que pensar, sentia-se estúpida: Marcello fizera-os jurar que não falariam daquilo fora da sala de impulsão, e ela, a principal interessada em manter o segredo, já fora referir o assunto ao telefone. Quanto tempo ia demorar até que os outros também comessem a falar?

— Tens razão.

— Olha, eu percebo que tens perguntas. — A voz de Virgílio tornou-se mais afável. — Mas estás à procura de respostas no sítio errado. Eu não te posso ajudar, não me compete falar disso. Se queres perceber, vai para casa, sabes com quem tens de falar. Todos os caminhos iam dar ali.

*

Dara pousou a chávena no braço do sofá com a mão trémula, pois os dedos tinham perdido a sensibilidade. Estava estarrecida com o segredo de Carola.

— Como é que passaste estes meses todos sem... sem me dizeres nada!?

— Eu queria contar antes — justificou-se Carola —, sabia que ia ser difícil de aceitar. Mas agora quero que fique tudo limpo.

— Difícil de aceitar!? Que a minha neta faz parte do GRUPO? De onde te saiu essa ideia?

O sarcasmo anunciava o pior tipo de Dara, Carola já sabia.

— Vó, eu não faço parte: tive contactos com eles. Tu sabes o que eu penso do Rest. E tu pensas o mesmo, foi o que sempre me transmitiste. Não digas o contrário.

— Mas uma coisa é defender ideias, outra muito diferente é compactuar com terroristas. Eles mataram pessoas, Carola. Como é que te foste meter nisso sem ao menos falares comigo?

— Não tem sido muito fácil falar contigo, pois não? Preferes fazer de conta que o meu trabalho não existe, como se fosse culpa minha.

Carola trazia aquilo preso na garganta havia meses.

— E então, para compensar, escolhes arriscar a tua vida às escondidas? Envolve-te com gente dessa?

— Não era «gente». Foi uma pessoa...

— Como é que o Virgílio me faz uma destas! Anos a fio a ser recebido nesta casa... E agora põe-se a conspirar nas minhas costas! A meter-te ideias na cabeça.

— Ideias nenhuma. Quem decidiu foi eu.

— Não tens idade para decidir nada. És mas é uma irresponsável. Achas que isto é uma brincadeira? Quando te pressionarem para fazeres coisas que não queres, um atentado... o que é que achas vai acontecer? Eles sabem tudo sobre ti.

— Pára de falar *deles*. Não há atentado nenhum. O Virgílio não é um terrorista, é um resistente. E de qualquer modo, já acabou!

— Acabou, acabou... essas coisas nunca acabam. Desengana-te. Acho que estás na altura de saberes certas coisas. Pode ser que te ajude nas tuas escolhas. — A avó bebeu um gole do chá ainda quente para se fortalecer — Lembras-te da Analisa?

— Claro, a filha do Virgílio. — E Carola recordou a rapariga que ela e os irmãos adoravam, tão brilhante, uma flor selvagem. Fugida de casa sem causa nem consequência.

— A Analisa não fugiu. Morreu num atentado, um dos mais sangrentos do GRUPO. Dezoito vítimas ligadas ao Rest. Com ela, dezanove.

Carola não pestanejou, mas sentiu um aperto no peito. Alguém accionara um dispositivo, clique. Mas nem havia dispositivo nenhum, não era assim que se passava, ou era? Clique, e morriam dezoito pessoas, culpadas de estarem ligadas ao Rest. Dezanove. A Analisa, cujos trejeitos ela imitava.

Dara prosseguiu:

— O teu pai... na altura, ele também tinha relações com o GRUPO, isso já deves ter percebido. Depois disso, cortou com eles. Não podia aceitar aqueles métodos... Passou os últimos meses da vida angustiado, com remorsos.

— Pára, pára — implorou Carola.

— Tu conhecias o teu pai, Carola — sussurrou a avó, e incentivava a neta a exprimir-se. — Viste como ele ficou.

Carola mantinha-se absorta, a juntar os elementos daquela história. As ausências prolongadas do pai, os olhos nimbados de tristeza. Ainda meses antes de ser preso, o afastamento de Virgílio, a decisão da avó de se encarregar da educação deles.

Carola fungou, limpou os olhos com as mãos.

— No Rest.2, há dias... Enfim, não queres saber disto, mas tem de ser. Numa daquelas ligações de interacção, lembrámo-nos de coisas, memórias antigas. Eu ouvi uma conversa que tu tiveste com o Virgílio, logo a seguir à morte dele... à morte do pai. Sobre

o que ele podia ou não ter contado à polícia... Mas vocês estavam a falar sobre outra coisa. Aquilo era sobre o atentado do presidente.

Dara baixou a cabeça. Voltavam aqueles tempos, que julgava enterrados definitivamente.

— Vó, não me escondas nada — pediu, tentando ganhar forças. — Também foi o GRUPO quem assassinou o Albernaz, não foi? E o meu pai esteve metido nisso?

Pronunciar aquelas palavras tornava o acto irreparável. Mas já fizera as contas, e não batiam certo: o último presidente fora assassinado havia já muitos anos. Na altura, o seu pai era um garoto.

Dara semicerrou os olhos. As comportas estavam abertas.

— Não, Carola, sossega. Não tem nada que ver...

— Então como que é que ele podia saber? Não foi o Virgílio...?

Virgílio era coetâneo do pai, continuava a ser impossível.

Dara abanava a cabeça, com uma expressão sofrida. Carola tentou ler naquele rosto dominado pela amargura. E nesse momento a verdade atingiu-a como uma explosão.

4.

Qualquer fantasia seria preferível à realidade que vivia naqueles dias. Porém, ao abrir os olhos, na ligação de interacção, Carola descobriu-se entre lençóis que reconheceria em qualquer circunstância. Era a sua cama, a mesma cama onde dormira nos dezassete anos de vida que contava. Considerou a possibilidade de um engano, de uma contrafacção, de um transplante. Afastou os cobertores com um gesto enérgico e espreitou à sua direita. Lá estavam, em caixilhos pendurados na parede, as capas de revistas de banda desenhada que tinham pertencido ao pai: *Mundo de Aventuras*, *O Cavaleiro Andante*, *O Mosquito*. A estante de livros, a camilha, a cadeira de bruços. O seu quarto, sem tirar nem pôr.

Alçou-se da cama e logo se apressou a cobrir o pijama às florzinhas com o robe azul-bebé — tudo tão infantil! Correu para a casa de banho, fechou a porta à chave e escutou o silêncio, desconfiada. O rosto reflectido no espelho era o de uma rapariga acabada de acordar, pedia água e sabão, uma penteadeira. Mas sentia um par de olhos pregados na sua nuca: na sala de impulsão, Marcello dispunha de binóculos apontados para a sua intimidade. Sem ter a certeza de que fosse solução eficaz, Carola apagou a luz e tratou da higiene matinal.

Nos últimos dias, a sua casa tornara-se um cenário inanimado. Desde a confrontação com a avó, encostava-se às paredes de papel pardo, na esperança de ser aglutinada, desaparecer. Era esse domicílio morto, em tons pastel, que enfrentava agora, vestida às pressas. O soalho rangia sob os seus passos à medida que avançava pelo corredor em direcção ao coração da casa, crente de que o ia encontrar apagado.

E, no entanto, ao entrar na sala, Dara estava de costas, sentada no sofá, com o velho roupão que associava aos seus primeiros anos. Empregava os dedos irrequietos a fazer recortes de jornais, o que constituía um dos seus passatempos predilectos, e Carola observou-a calada, sem saber o que fazer, incapaz de dizer que avó era aquela.

Dara deu então pela sua chegada, girou a cabeça.

Bastou um relance para perceber. A avó conhecia em que ponto estavam. Aquele dia não era apenas qualquer um, seguia-se aos últimos dias; podia marcá-lo no calendário.

Carola substituiu os bons dias por um abano de cabeça, sem coragem para falar. Foi até à cozinha, preparou o pequeno-almoço, serviu-se na sombra; Dara manteve-se na divisão contígua, sem interferir, como um fantasma bem-comportado. Desta vez, o Rest.2 reproduzia a vida, e a vida era aquela mesa triste, de candeeiro aceso pela manhã.

Depois de comer, voltou à divisão principal, encontrou a avó encostada aos estores da janela. Uma luz débil entrava na sala, cortava-lhe a figura em tiras horizontais. Não era mesmo Dara, tinha consciência disso, mas respondia por ela, e não desapareceria dali.

De repente, como se apanhasse uma ideia no ar, Carola quis confirmar o motivo da desapareção do irmão.

— O Óscar... Tu contaste-lhe...

— Sim, contei — era a voz de Dara, os mesmos gestos de defesa, não havia diferença. — Há dois anos, depois da morte da Mónica.

— Porquê? Porque é que fizeste isso?

— Via nele tanta raiva, tinha receio que desse um passo em falso. Quis prevenilo, achei que estava maduro. Mas tudo o que consegui foi deixá-lo mais zangado. Zangado com o passado, comigo.

Desde que vivia como noctívago, o irmão só dava notícias ocasionalmente, através de contactos. Nunca revelava a sua localização exacta, sabia-se apenas que se encontrava algures no Norte. Não queria ser descoberto. Por um momento, Carola invejou-lhe a sorte.

— Isso é normal, não achas?

— Foi por isso que não consegui ter esta conversa contigo mais cedo — confirmou Dara. — O Óscar ficou num tal estado, que tive medo que tu...

Carola esquivou a mão que se aproximava dela, que era e não era da avó.

— Por favor, querida — implorou Dara. — Não te posso perder a ti também. Tentei fazer o que me pareceu melhor.

Sem forças para rebater, Carola afastou-se, subiu à *mezzanine*. Sentia-se amarrada a um estado incapacitante, como num domingo de enfado. Naquele espaço confinado, diante dos retratos da família desfeita, pôs música a tocar, aguardou que as horas passassem. Estava num patamar extraído à gravidade.

A avó cirandava no piso de baixo, por vezes um ruído testemunhava da sua presença. Podiam ter passado o dia inteiro assim, mas o feitiço foi quebrado quando a campainha tocou.

— Queres que vá eu? — perguntou Dara, em baixo.

— Se não te importas.

Passado um pouco, a voz de Bartolomeu chegava aos tectos da casa.

— Não sabia o que fazer — admitiu o rapaz. — Acordei em casa, como um dia normal. Tudo idêntico. Até o autoclismo tem o mesmo defeito, continua a correr.

— Mas o Marcello não estava?

— Imunidade, lembras-te? Já a tua avó... Parece mesmo ela. É assustador.

— Não mais do que na vida real — escapou-lhe. — Não, deixa, não dá para explicar, muito menos aqui. Histórias de família...

Não eram só «histórias de família», claro: na família de Bartolomeu não havia histórias daquelas. Mas como transmitir uma ideia aproximada do seu tormento sem comprometer a segurança da avó?

A confissão de Dara viera de um outro planeta. A acção não podia ser interpretada como um erro de juventude. Em 1976, data do assassinato do presidente, Dara Jurado era uma mulher adulta, com mais de trinta anos. Não havia atenuantes.

Agira sozinha? De que meios se servira? Carola não conhecia as circunstâncias.

Passara aqueles dias terríveis a desfiar a memória de todos os anos em que Dara recebia uma corte de devotos indefectíveis. Como se o novo facto impusesse uma leitura ao avesso da realidade em que crescera. A força de atracção da casa não teria que ver com a aura de um segredo? Por outro lado, teria de ser um segredo bem guardado, se em quarenta anos ninguém a viera incomodar. E, em boa consciência, não podia apontar falhas à educação que a avó lhes dera — excepto, claro, a grande falha de os fundamentos em que se apoiava serem completamente falsos.

— Devemos estar todos aqui, em Lisboa — calculou Bartolomeu. — Os seis. Mas como é que os encontramos?

— Pensa lá, qual é o ponto de encontro mais lógico?

*

A tábua de madeira estava despregada do soalho, como na vida de todos os dias, e, também como sempre, Fernão batera ali com o pé. A louça por lavar, roupa espalhada pelos cantos, aqueles vidros imundos: era o seu apartamento, sem dúvida. Mas tudo o que queria era um passe dali para fora.

Logo pela manhã, a dona Graça fora bater-lhe à porta, perguntar se não tinha de ir trabalhar. Bem, não era mesmo a dona Graça, apenas uma réplica. Se procurasse com jeitinho ainda encontraria escondido um botão para ligar e desligar. E, no entanto, as frases, a entoação da voz, o movimento das pernas pesadas, tudo correspondia. Fernão percebera logo no que a ligação de interação consistia, e despachara a vizinha com evasivas: que iam trabalhar mais tarde naquele dia, o tutor andava adoentado e tinha consulta médica. E ela então pergunta se ele não quer aproveitar para se ligar em casa dela. O pânico espreitara enquanto Fernão se tentara desembaraçar da pergunta tóxica, aludindo a uma ligação telefónica para Setúbal. Conseguira livrar-se da visita sem que ela tornasse explícito, para conhecimento de Marcello, aquele arranjo dos últimos meses que envolvia o módulo antiquado. Mas a dona Graça, pobre senhora, quase lhe sabotava o dia. Ainda puxara Lisa à conversa; Fernão vira-se obrigado a cortar a conversa e praticamente fechar-lhe a porta na cara para se afastar do perigo.

Lisa andava descontente. Não compreendia que ele agora passasse as noites ligado ao módulo da dona Graça, além das horas de trabalho no Instituto. Aquelas ligações ao Rest.1, que retomara em tempos recentes, faziam-lhe circular o sangue mais depressa — mas estava fora de questão contar à namorada o que ali encontrava. Fernão afastou o pensamento, depressa, com medo que Marcello conseguisse aceder à sua mente.

Meteu uma camisa preta, avançou pelo corredor do prédio com pezinhos de lã, não fosse a vizinha dar por ele. Desceu as escadas a conter a respiração e já antevia a saída do edifício quando uma porta se abriu com brusquidão e o corpo possante do senhor Carmelo se interpôs no seu caminho.

— Outra vez o teu irmão ao telefone. Isto agora é todos os dias?

— Já vou atrasado para o trabalho. Pode dizer-lhe que...

— Diz-lhe tu!

Fernão não teve força para desobedecer. Distraía-se de que estava no Rest.2. Contornou a mãe Carmela, estendida no sofá, e travou-lhe o discurso com uma mão autoritária antes que começassem as lamúrias do costume. Pegou no aparelho:

— Ouve, Jacinto, agora não posso falar.

— Já fizeste o trabalho? Eles querem saber.

O bloqueio do quadro, que ele ficara de realizar na noite anterior. A realidade perseguia-o.

— Já. Mas agora vou desligar. Eu telefono esta noite.

Assim que pousou o auscultador, o senhor Carmelo voltou à carga:

— «Esta noite», não! Telefonemas são ao domingo. E isto não é uma pensão.

— São umas dores assim no lombo... — queixou-se a velha Carmelo.

E então Fernão perdeu o freio, soltou um grito estridente, liberatório, seguido de uma chusma de palavrões. Deixava ali o fôlego, os nervos acumulados, e um par de Carmelos atónitos. Já que era um mundo falso, tinha o poder de mudar as regras.

À porta do prédio, encontrou Tiago sentado numa pedra, com ar lunático, angustiado. Com toda a probabilidade, acordara nos seus alojamentos principescos, sem compreender nada, e só conhecia o seu endereço. O rapaz expôs o dilema:

— Como é que se faz para saber se isto é a sério ou a fingir? Não há diferença nenhuma.

Fernão sorriu, com uma sensação de poder: o colega ainda era verde e andava com o cérebro frito devido à amnésia. Agarrou-lhe o pulso, fez dois gestos rápidos. A pulseira virtual materializou-se.

— Há sempre diferença.

*

— Só nós para virmos para aqui... — queixou-se Brísida, ao fim de quase hora e meia de espera. Deixou-se escorregar pelo tampo arqueado do módulo, quase disposta a rir-se da situação, e foi sentar-se no chão, de pernas dobradas, como Elda fizera. Irem para o Instituto... O que dizia sobre elas aquele instinto para se acomodarem à rotina?

— Não sabia para onde ir — confessou Elda. Até teria gostado de passar o dia em casa, mas, a dada altura, a mãe olhara para o relógio e perguntara se não estava atrasada.

Não encontrara explicação convincente para dar. Que os pais fossem pessoas autênticas ou réplicas, não mudava nada.

Todos os tapetes móveis conduziam ao mesmo sítio. A verdade é que nenhuma das duas conhecia muitos outros destinos em Lisboa.

— E se acordasses em Coimbra, para onde ias? — perguntou Brísida.

— Oh, acho que não ia *para* um lugar específico. Andava por ali às voltas. — Elda recuou à sua vida anterior. A cidade acabava depressa, mas ela tinha pernas curtas para a fazer durar. Às vezes vinham-lhe umas saudades desses passeios solitários, que nada tinham de memorável. Nem sabia ao certo o nome das ruas. Simplesmente caçava janelas, imaginava que biografias se compunham dentro das casas. Vislumbrar uma secretária, uma fotografia, uma estante de livros representava para ela uma emoção. Provas de vida. — E tu, se acordasses no Porto?

— Olha, ia ver o que anda a fazer o Nuno — e veio-lhe uma tontura de partilhar aquilo com Elda, logo com Elda. Mas era a única pessoa que sabia a quem se referia. — Lembras-te, o meu ex-namorado?

— Claro que me lembro. Não sabes nada dele?

Brísida não respondeu. Ela e os homens, que mal-entendido. Não, não sabia nada dele: se calhar já estava casado. Pensou no encontro com Bartolomeu. Havia semanas que aquela impressão desoladora a acompanhava. Mas, sobre isso, nem uma palavra.

— Vá, ao menos vamos dar uma volta — decidiu ela, e pôs-se em pé.

Elda executou, abandonaram a sala de impulsão e arrastaram-se pelo corredor convexo. Passaram pelo gabinete de Marcello, e olharam uma para a outra, a imaginar o que lhes valeria uma intrusão sob o olhar do tutor; a situação era cómica, riram-se as duas do que não era dito.

Mas logo depois vinham outras portas, portas que nunca tinham sido abertas, em que nenhuma delas imaginaria entrar sem instruções específicas nesse sentido.

— Tens a certeza?... — inquietou-se Elda, ao ver a colega rodar uma maçaneta.

— Estamos no Rest.2, não estamos? — E Brísida encontrou legitimação na falta de resposta de Elda. — Nada nos impede.

O quarto não era mais do que um depósito de armários com arquivos, gavetas classificadas por odem alfabética, com autocolantes de três letras nos puxadores. Brísida abriu umas quantas ao acaso, apalpou dossiês compostos por ficheiros amarelados onde se acumulavam caligrafias, gráficos, esboços de desenhos. A um canto, de costas

encostadas ao cabide de onde pendia uma gabardina, Elda assistia amedrontada à cena, como quem observa um criminoso em acção.

— Está tudo escrito noutras línguas — desolou-se Brísida, diante da rica colecção de dados, alguns já consumidos pelo tempo. Aqueles gatafunhos não davam respostas: um pouco de grego, algum latim, o grosso no que supunha ser dinamarquês. — Com isto, não se vai longe.

— Estava a pensar. Eles se calhar foram para o Torel — aventou Elda, desejosa de encontrar uma escapatória. — O que achas?

— Espera lá. Só preciso de... — E Brísida percorreu com o dedo a conjugação de letras até chegar à que lhe interessava: HIR.

Elda espreitou pela porta, ansiosa. Por vezes, passavam agentes por aquele corredor. Se aparecesse alguém?

— Não sejas medricas! Vê lá isto — chamou-a Brísida. Os textos do dossiê correspondente a Flávio encontravam-se rasurados quase por completo. Apenas algumas palavras esparsas tinham sobrevivido à censura. Uma data sobressaía isolada por entre as linhas obscurecidas. — Olha aqui, 1991. Outra vez....

— A data de nascimento? — sugeriu Elda, sem pensar.

— Não pode ser, foi há vinte e seis anos... E isto? Rua de Santarém... sabes onde fica?

— Não faço ideia.

Brísida pegou então na foto. Também inutilizada, com um traço negro que privava de olhos o rapaz que fugazmente tinham encontrado no Rest.2.

— Isto não é normal — estimou ela.

— O que é que vocês estão a fazer? — perguntou à porta um homem que nunca tinham visto, mas que tinha todo o ar de trabalhar no Instituto.

— Estamos à espera do doutor Galvano — justificou-se Brísida, com um admirável sangue-frio. — Marcello Galvano.

— Marcello Galvano? — De repente, o agente pareceu perdido — Mas esse nome não existe. Ou existe?... Marcello... Nome. Doutor. Não existe.

O homem repetia aqueles termos, com ar obnubilado e incapaz de agir, como uma máquina que tivesse sofrido uma avaria. A realidade replicada não reconhecia a existência do tutor, e, no entanto, aquele era o domínio dele, os arquivos pertenciam-lhe.

— Anda, vamos embora daqui — Brísida puxou por Elda e passaram depressa pelo agente que se mantinha parado, a debitar palavras, como um robô estragado.

*

— Dançar? Eu?

Carola olhou para Bartolomeu como se ele lhe propusesse uma acção indecente.

— Anda lá! — insistiu ele, agitado. Ainda não parara de pular com Tiago em frente ao palco improvisado.

— Que bicho te mordeu? OK, o grupo é bom, mas não é assim tão bom... — estranhou Fernão.

— Oh, não tires a piada a isto — Era um dia normal, só um dia normal. Os amigos reunidos no Torel, numa ligação de interacção. — Estamos no Rest.2, pá!

O rapaz virou-se para Brísida, à espera de apoio. Ela sorriu com delicadeza.

O centro de convívio era a base. Ao longo do dia, foram ocorrendo ali, aos pares. Agora, pelas janelas de vidro, o sol já se punha, e tingia o interior do recinto de um rosa etéreo, quase fora do tempo.

— Ei, isto é fantástico — Tiago chegou-se ao grupo, com um sorriso rasgado, a fronte transpirada. Para ele, era a vida real com a energia a mais. — Não estão a gostar?

— Deixa, não estão na mesma onda — informou Bartolomeu. — Senta-te aí.

O tom era quase imperativo: não se deviam alhear do resto do grupo. Tiago bebeu um copo de água cheio, acalmou o ritmo cardíaco. Mas sentia dificuldade em interagir. Carola e Fernão traziam cara de enterro, provavelmente continuavam a conviver com as imagens espectrais do passado. Para aligeirar, perguntou a Brísida:

— Fizeste alguma coisa, lá no Instituto?

— Nada, só... Olha, fizemos telefonemas para passar o tempo, até falei com a minha mãe — mentiu ela. — Uma parvoíce.

— E ela? — Tiago apontou para Elda, que contemplava os efeitos do crepúsculo à janela. — Ligou para Coimbra?

— Não, acho que não tem lá família chegada.

— Tinha aquela prima, mas acho que já lá não mora.

— Prima? Qual prima? — perguntou Carola.

— Uma que pediu o Abnego. Apareceu na última ligação. Lembras-te, quando eram crianças, uma miúda que estava a brincar com ela?

— Aquela era a irmã, a Cinira. Morreu há uns meses.

— Não, a Cinira é a prima. Que eu saiba, está viva. Irmã?

Carola tinha a confusão estampada no rosto. Uma desconfiança. Brísida reforçou:

— Ela tem uma prima chamada Cinira, tem. Não sei nada de uma irmã...

— Carola, espera... — Bartolomeu conhecia aquela cara.

A amiga levantou-se de repente, dirigiu-se à janela com passadas largas. Elda continuava de nariz pregado no vidro.

— Já viste os telhados, como...

— Elda, tu disseste-me que a tua irmã morreu: isso é verdade ou não?

— Carola... Eu... — balbuciou Elda. Sentia que o chão lhe fugia debaixo dos pés.

— Não, espera... Não pensava que...

— Sim ou não? A tua irmã morreu? A Cinira? Responde.

— Foi um engano. Eu não queria dizer... Não, a Cinira não morreu. É a minha prima, mas... ouve, eu vou explicar... Ela pediu o Abnego!

Carola levou a mão à cabeça. Inacreditável!

— Como é que pudeste fazer-me isto? Logo a mim, a única pessoa que te estendeu a mão...

— Estávamos no Rest.2! Foi logo no princípio... Não percebia nada, tu também não. Achava que...

— Isso não é desculpa! Já se passaram quatro meses!

— Eu sei! — Elda agora esbracejava, aflita. — E este tempo todo isto tem-me torturado, e cada vez se tornava mais difícil sair... Foi uma estupidez não ter dito logo, mas não sabia como...

— Pára de arranjar desculpas. Estás sempre a arranjar desculpas para tudo. Tu sabias... Sabias o que a minha irmã significava para mim e usaste isso. Usaste isso para... para quê? Nem percebo para quê! É absurdo!

— Por favor, perdoa-me. Por favor. Foi uma estupidez... Mas não foi de propósito. Desculpa-me.

Elda não conseguia sequer pensar, não encontrava palavras que a ajudassem, sentia apenas uma urgência absoluta de ser perdoada. Os outros estavam ali, testemunhas mudas daquela cena miserável.

— É absurdo — rematou Carola. — Nem consigo acreditar. Tu és absurda. Todos eles viram isso desde o início. Só eu... Quis dar-te uma oportunidade, cheguei a achar que podíamos... ser amigas!

— Mas eu sou tua amiga! Perdoa-me, por favor. Por favor.

— Ouve bem o que te vou dizer. Nunca, ouviste?, nunca te vou perdoar. Juro em nome da minha irmã. O que fizeste é sem perdão. Tu não vales nada.

— Não digas isso, Carola, vá lá... — e Bartolomeu envolveu a amiga pelo ombro, como se lhe pusesse um cobertor, afastou-a dali.

— Ela agora está transtornada — temperou Brísida, ocupando-se de Elda. — Queres ir comigo à casa de banho?

Elda negou com a cabeça, num gesto mecânico. Por um momento, sentiu que ia chorar, mas estava seca, em transe. Um zumbido nos ouvidos toldou-lhe a percepção, sentia os lábios gretarem-se. Só queria estar sozinha, negar aquela tragédia, perder-se no sentimento de irrealidade. Os olhos picavam-lhe. Quando os levantasse, já o sol se teria posto.

5.

Dara Jurado recusou a oferta de uma chávena de chá.

— Obrigada, não me vou demorar. O Bartolomeu não está, pois não?

— Não, Bartolomeu saiu com Tiago. Ao menos sentar-se... — propôs Marcello, numa tentativa de amenizar um possível confronto. Podia imaginar o motivo que levava a avó de Carola a visitá-lo. — Supongo sabe já que Carola vi no Rest.2?

Aquela sintaxe não ajudava à comunicação, mas Dara fez um gesto de anuência. Sentou-se a um canto do sofá, cobriu os joelhos com as mãos. Era evidente que não se sentia à vontade.

— O Marcello sabe bem o que penso sobre a Bóreas, não vale a pena perdermos tempo com isso. E também não é novidade para si que a participação da minha neta nesses ensaios nunca me agradou. Não sei muito sobre o que se passa nas sessões de interacção, como lhes chama, mas a Carola contou-me dos últimos incidentes, sim. E já dá para avaliar.

— Lamento — disse Marcello, a baixa voz. Nunca sabia com que tom pronunciar aquela palavra, que lhe parecia demasiado formal.

— Não vou disfarçar. Na minha opinião, o Marcello está do lado errado da barricada. Mas, apesar disso, parece-me um homem de bem. Só tive uma ocasião para falar consigo, mas penso não me enganar ao considerar que quer o melhor para estes jovens. As suas intenções são boas.

Um pouco espantado, Marcello deixou que no seu rosto surgisse um meio sorriso. Não estava à espera de um encontro de paz.

— Certo! Quero o melhor para Carola, também.

— Então vou pedir-lhe que confie em mim. E que compreenda quando lhe digo que é imperioso que a Carola saia do projecto. — Dara fixou dois olhos ansiosos no tutor, insistiu: — É vital. Eu gostava de lhe explicar as razões, mas, para a própria segurança da minha neta, não posso fazer isso.

A reacção natural de Marcello seria lançar-se sem reflectir numa discussão, avançar argumentos para convencer aquela mulher a dar-lhe ouvidos. Reteve o impulso. Pensou que era ela quem o estava a tentar convencer com falas mansas, e que isso era completamente inútil.

— Eu não escolho os impulsores. Não é minha decisão — constatou apenas, da forma mais neutra possível.

— Isso, eu não sei. Mas de certeza que o senhor pode exercer uma influência. No sentido de encontrar um substituto. O rapaz que morreu pôde ser substituído, por isso a escolha não é irreversível. Ouça, não lhe estou a pedir por mim. Repito: é no interesse da Carola. E também... acredite, também é no interesse da Bóreas.

— Mas é verdade que também é no interesse da senhora, pois é? — rebateu Marcello, e prosseguiu, perante o olhar algo perdido da interlocutora: — Aquela ligação de interacção mostrou coisas pouco boas para si. Segredos que é melhor não saber-se.

— O que é que está a dizer?... Como é que...? — Dara ergueu-se de rompante.

— Ouça, não, tem calma! Eu compreendo, não é coisa para saber-se... Por isso, fiz aos impulsores fazer um juramento. É segredo. É nosso segredo.

Dara estava assombrada, de boca aberta. A última frase pareceu-lhe dita em tom cúmplice, quase sussurrada. Como uma chamada de atenção, uma ameaça. Aquele homem era um lobo com pele de cordeiro. Não podia ficar ali.

— Vamos conversar — disse Marcello. — Espera! Não está a entender-me.

— Não, vejo que não há possibilidade de diálogo — contestou Dara, nervosa, enquanto se dirigia para a saída do apartamento. Era óbvio que não podia confiar naquele homem. — Repito só o que disse: a minha neta tem de sair do projecto. Não quero piorar a situação, por isso dou-lhe um tempo para arranjar as coisas. Até às férias, vá. Mas depois das férias, ela não volta.

— Isso não é possível — ripostou Marcello, já a perder a calma.

— Queira ou não queira, vai ter de ser possível. Acha que não a consigo fazer desaparecer de Lisboa? Olhe o meu outro neto: ninguém sabe onde ele anda. Mas sei eu.

Era *bluff*, pensou Marcello: Dara também não sabia onde se encontrava Óscar. Mas não reagiu. Carregou o sobrolho e, em resposta a um gesto dela, abriu-lhe a porta de casa, em silêncio. Quando Dara passou, sentiu de perto o seu perfume delicado, que ainda persistiria algum tempo no apartamento vazio. Então, dirigiu-se à cozinha, retirou do armário uma velha garrafa e encheu um copo, que bebeu de um movimento rápido. Tinha outro problema em mãos.

*

O resto daquele dia fora difícil para Carola. No fim de contas, o regresso à realidade apenas prolongava a ligação de interação. Os colegas não ousavam exprimir-se, mas ela bem percebia que esperavam da parte dela um acto de clemência para com Elda. Podiam esperar sentados. Carola nem se dignou encará-la. Era indiferente a olhares suplicantes e a arrependimentos falsos, mas mais valia arredar essas artimanhas da sua vista para não se incomodar.

Livrara-se de boa, era o que era.

Regressou para casa sozinha. Dara tinha saído, noutra passo daquela tática que ambas tinham seguido nos últimos dias para se evitarem mutuamente. Ainda que se sentisse esfalfada, não se dirigiu logo para o quarto. Estendeu-se no sofá da sala, cobriu as pernas com a manta que vivia na família há pelo menos três gerações e deixou que aquelas paredes antigas encerrassem a sua solidão. Era uma noite escura lá fora.

Quando a avó voltou, já bem mais tarde, estava moída da espera, dos conflitos daqueles dias. Como agora vinha fazendo, Dara retirava-se pelo corredor sem dar de si, mas a neta pediu-lhe que se viesse sentar a seu lado no sofá.

— Estás com um ar tão cansado — notou a senhora, preocupada.

— Eu sei. Sinto-me exausta.

— Queres que eu te vá preparar um chá...

— Não. Podes ficar aqui? Podemos ficar aqui?

Dara acenou com a cabeça e, repetindo os gestos de sempre, puxou a manta para lhe cobrir as pernas, passou-lhe a mão pela testa.

— Temos de falar, querida... — acabou por dizer, numa voz sumida.

Ainda não lhe tinha explicado nada: as circunstâncias exactas do atentado ao presidente, a rede de pessoas envolvidas, os passos com que ocultara a sua identidade. O assassinio de Albernaz era um dos grandes mistérios da história recente do país e, no fundo, para Carola continuava a sê-lo.

— Não, não me contes nada, vó — pediu ela. — Não quero saber.

— Talvez agora não, mas depois vamos ter de...

— Não quero voltar a falar sobre isso, está bem? O que quer que tenha acontecido... Tenho a certeza de que houve uma explicação. Isso basta-me. Não, ouve... Não me importa o que aconteceu há quarenta anos. O contexto era outro, eras outra pessoa. Sei quem tu és agora, sei o que fizeste por mim, pelos meus irmãos. Não preciso de saber mais nada.

— Mas eu quero contar-te — contestou Dara. — Eu estou aqui, tens a possibilidade de saber o que se passou para decidir.

— Não quero julgar. Não quero. Eu perdoo-te. É assim que faz sentido para mim: perdoar sem condicionantes.

Dara suspirou. Não previra aquele desfecho para a crise.

A reconciliação não era limpa, deixava-lhe um travo amargo. Mas não tinha ilusões: desde que uma ponta daquele passado se tornara visível, qualquer entendimento entre as duas pressupunha um fingimento. Talvez a neta tivesse razão, e fosse mais fácil para ambas recriar o futuro se Carola escolhesse ignorar o passado e aceitasse perdoá-la sem conhecer ao certo a sua culpa.

Inclinou-se, deu um beijo na testa da neta e sussurrou apenas:

— Está bem. Obrigada.